



DIÁLOGOS PRÓ-AÇAÍ

ATA - GT PADRÕES DE SUSTENTABILIDADE

6o ENCONTRO

DATA: 27/01/2021

Participantes: Dolores (Inmetro), Ronaldo (UEBT), Consuelo (FSC), Fernanda (FSC), Érika (IPAM), Cláudia de Souza (consultora), Renata, Maria Benini (Malu) e Caroline (Instituto Terroá).

Registro: Instituto Terroá

Pauta:

- ✓ Apresentação UEBT;
- ✓ Proposta de Planejamento.

Informes

Fernanda: Foi aprovado um projeto no FSC focado em açaí e castanha. Estão trabalhando para seu desenvolvimento, mas ainda em fase inicial. O projeto contará com uma campanha de comunicação para esses dois produtos, e para as questões socioambientais envolvidas nos processos. Os membros dos Diálogos serão informados sobre os encaminhamentos ao longo do semestre, e contam com o auxílio de todos para a divulgação da campanha, principalmente através do compartilhamento das peças pelas redes sociais.

Érika: O IPAM, com outra articulação, tem um projeto com outras cadeias, que está praticamente a ponto de assinar contrato. É um projeto que irá conter um componente de pesquisa bem forte nos municípios maiores produtores e maiores consumidores de açaí do Pará. Desse modo, vão levantar informações junto às batedeiras, e isso irá ajudar na nossa linha estratégica de integração de dados. Quando essas ações estiverem mais consolidadas, vai convidar os Diálogos para discutir sobre o tema.

Informou, também, que existe a possibilidade de obtenção de um pequeno recurso para as reuniões dos Diálogos. Trata-se de uma parceria do IPAM com a Embrapa, e o IPAM foi convidado para participar.

Em relação ao projeto da União Europeia, referente ao edital encaminhado no final de 2020, caso aprovado irá resultar em uma grande visibilidade ao que é desenvolvido pela iniciativa. Existe um componente neste projeto relacionado a



bioeconomia e economia circular e o IPAM, em conjunto com o Instituto Terroá, incluiu algumas demandas para serem trazidas às discussões do Diálogos referentes a frentes importantes, como: a obtenção de dados referentes a cadeia; o próprio fortalecimento do trabalho multisetorial do grupo; a capacitação das cooperativas e empreendimentos nas áreas em que já existem projetos (Pará e Amapá). Destacou um outro componente que será possível incluir os Diálogos como protagonista - economia circular, por conta dos resíduos gerados a partir do caroço do açaí. Nesse contexto, estão previstos estudos sobre esta temática que está chegando na Amazônia, por vezes desconectada e sem aprofundamento, o que possibilitará aos Diálogos qualificar o debate e se apropriar nos estudos relacionados a esses resíduos, para que sejam levadas soluções locais mais adequadas. Seguimos para a segunda fase do projeto e, caso aprovado, serão três anos de apoio. A partir da aprovação, será discutido dentro dos Diálogos sugestões e também como cada um poderá contribuir.

Cláudia: Comentou que está desenvolvendo um trabalho com o IPAM, no contexto de aplicação do CapGestão Gestão/PA. Agrônoma e mestre em desenvolvimento sustentável pelo Ipê, trabalhou no Mercados Verdes e atua em outros projetos na Amazônia relacionados à sociobiodiversidade, no desenvolvimento dessas cadeias e agricultura familiar.

Malu: Destacou os trabalhos desenvolvidos pelo Terroá relativos às certificações da Amazonbai e aplicação da escala de maturidade nos empreendimentos comunitários, tanto na Amazonbai como nas escolas da família, no Amapá. Além disso, comentou que estão iniciando esses trabalhos no território do Mazagão, para discutir as cadeias de valor da sociobiodiversidade, a partir das escolas família, pensando na formação de jovens lideranças, principalmente no contexto de êxodo rural.

Apresentação sobre a UEBT: Ronaldo Freitas

É uma ONG sem fins lucrativos, com base em Amsterdam, Holanda. Possui 23 colaboradores globais, com foco em pessoas e biodiversidade. Em relação aos diretores, possui pessoas de empresas, do terceiro setor e também de universidades. Apesar da sede ser em Amsterdam, a organização não possui uma composição exclusivamente europeia, pois conta com o trabalho de pessoas de várias localidades. Em relação ao comitê de norma, segue no mesmo formato e diversidade, contendo pessoas de ONGs, do governo e de pequenas, médias e grandes empresas.

A UEBT foi criada em 2007 com o apoio das Nações Unidas para promover o engajamento comercial no BioTrade e, por esse motivo, acaba atuando bastante em conjunto com empresas no aspecto do comércio ético. Até 2015, existia um processo exclusivamente de membresia, mas neste ano a organização passou



também a certificar ingredientes/cadeia. Em 2018, começou a realizar a certificação do sistema ético de abastecimento.

Em relação às áreas de atuação, a UEBT promove a conscientização, verifica práticas de abastecimento, realiza certificações, facilita processos em grupos de trabalho e presta serviços de consultoria e suporte. Atualmente, contam com 58 membros; realizaram trabalhos em 68 países e avaliaram mais de 700 cadeias. A norma UEBT possui dois valores principais: o respeito pela biodiversidade e o respeito pelas pessoas. A norma possui princípios que definem os valores; critérios orientadores da avaliação e indicadores. A credibilidade dessa norma é garantida por uma terceira parte, a qual foi formulada através de consulta pública.

Sobre o padrão UEBT, existem três tipos de validação: em relação à verificação do sistema de fornecimento; certificação do sistema de fornecimento ético e certificação de ingredientes. Tem como base o conceito de preço justo e investe em comunidades. Além disso, aborda o tema de Acesso e Repartição de Benefícios (ABS) e trabalha com seus membros para conservar e regenerar a biodiversidade (BAP).

Considerando as contribuições que a UEBT pode resultar ao Diálogos, foi comentado que possibilitaria a visibilidade da cadeia do açaí entre os membros da UEBT, como Natura e Symrise, que atuam diretamente na cadeia. Além do mais, **estão desenvolvendo uma ferramenta de avaliação de riscos para analisar as diversas cadeias**, considerando tópicos como conservação da biodiversidade, uso sustentável da mesma, rastreabilidade, desenvolvimento local, condições de trabalho e qualidade. Outra contribuição, seria a aplicação do field checklist, que são as conferências feitas em campo.

Questões feitas ao Ronaldo

- A membresia facilita o processo de acesso ao mercado?

R: Sim, o sistema de membresia com a UEBT garante que a empresa ou instituição se compromete com algumas questões, e isso facilita com que os membros tenham um reconhecimento no mercado, sendo avaliado a rastreabilidade, os preços, a comprometimento com a biodiversidade e também com os trabalhadores, mesmos sem ter a certificação, só nesse sistema de membresia. É feito um acompanhamento sequencial e permanente.

- A certificação da UEBT pode ser tanto para produtos do extrativismo como para produção agrícola vegetal?

R: Sim. Por exemplo, em relação à Natura, existem produtos que são obtidos a partir do extrativismo, como o cupuaçu, e produtos cultivados, como a priprioica, ambos certificados.



- O sistema de membresia considera os sistemas ao todo e não as cadeias em específico, se não certificadas. No caso da Native, por exemplo, que entra nesse sistema de membresia, somente a Native é verificada ou os produtos utilizados na cadeia, fornecidos por outros, também são?

R: Sim, os produtos utilizados na produção também são verificados.

- Quais são os principais desafios para a agricultura familiar, principalmente em relação à agricultura familiar extrativista, em relação ao acesso de certificação da UEFT?

R: Pensem que existe uma cooperativa que fornece um produto para determinada empresa. Elencando os desafios, temos que a questão da rastreabilidade é um grande problema. Na cadeia do açaí, por exemplo, sabe-se de qual região veio o produto, mas normalmente não se tem conhecimento sobre qual comunidade. As questões de saúde e segurança dos trabalhadores também podem ser elencadas, ocorrem acidentes no campo, e muitas vezes não existe um suporte de socorro ou instrumentos de proteção individual para prevenção a esses acidentes. Além disso, pode ser citado as questões trabalhistas envolvidas no processo. Por vezes, não existe uma relação de contrato, o trabalho é informal, então os trabalhadores não têm seus direitos garantidos. Propriamente sobre a cadeia do açaí, existe a condição de extrativismo e de cultivo, e isso pode ocasionar a perda ou alteração da biodiversidade. Por exemplo, antes eram removidos os pés de murumuru para o extrativismo do açaí, por conta de seus espinhos. Com sua valorização mais recente, o murumuru passou a ser preservado.

- Gostaria que contasse sobre o reconhecimento dentro do mercado nacional para a UEFT? Sabe-se que no meio nacional já existe um reconhecimento, principalmente considerando a parte de cosméticos. Você tem visto uma abertura para o mercado alimentar também, ou isso tem mais espaço no mercado europeu?

R: No mercado nacional, estamos iniciando ainda os trabalhos. Temos grandes atores envolvidos, como a Natura e Native e, das seis maiores empresas de processamento de carnaúba, quatro também são membros da UEFT. As empresas de carnaúba, para se tornarem membros, têm que assinar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) em relação às questões trabalhistas. Apesar desse cenário, algumas empresas ainda não incorporaram essas questões como importantes, sendo essa valorização, no Brasil, mais recente. Vale destacar que a UEFT não é uma certificadora de produtos orgânicos, possui foco em outras questões, como as questões trabalhistas. Em resumo, pretende-se ganhar espaço no Brasil, trazendo pequenas e médias empresas para fazer parte da UEFT.

- A busca por padrões de sustentabilidade, ou seja, pelas certificações, se relacionam com o posicionamento do consumidor quanto a essas garantias.



Como é que isso se dá em outros países da América Latina que vocês atuam, e se existem diferenças em relação ao Brasil?

R: De uma forma geral, em comparação ao cenário das questões trabalhistas no Brasil, em outros países a situação é bem pior, como no México e na Argentina. Apesar de a legislação trabalhista do Brasil ser executada com alguns empecilhos, ela é existente, diferentemente de alguns outros países que ela não está postulada. Desse modo, nós temos realizado alguns trabalhos a fim de propor melhorias para essa situação.

- Na apresentação, foram demonstrados os tipos de selo. Gostaria de saber quais são as regras de rotulagem e se os membros também podem incluir o selo.

R: As empresas membros não podem colocar o selo no produto, somente podem divulgar que são membros da UEPT, em seus sites, por exemplo. Quem pode incluir os selos são as empresas certificadas.

- Em relação à membresia nos países em que a situação trabalhista não é bem definida, as empresas, por vezes, oferecem melhores condições de trabalho que outras empresas que não fazem parte desse sistema?

R: Sim, exatamente. Por vezes, essas empresas que estão inseridas dentro do sistema de membresia, possuem uma atenção maior em relação às questões trabalhista, de forma mais rigorosa.

Apresentação - Proposta de planejamento para o GT de Padrões da Sustentabilidade

Fevereiro: Matriz de Riscos e Medidas de Mitigação - Riscos ambientais;

Março: Matriz de Riscos e Medidas de Mitigação - Riscos sociais;

Abril: Matriz de Riscos e Medidas de Mitigação - Riscos sociais e econômicos;

Maior: Matriz de Riscos e Medidas de Mitigação - Discussão sobre o formato do documento final e estratégias de divulgação;

Junho: Debate para construção da carta de compromisso (o que é esperado em relação ao açai sustentável?);

Julho: Apresentação do documento final sobre riscos e medidas; primeira versão da carta de compromisso.

Pontos dialogados

- Sobre a carta de compromisso, é interessante para nós termos definido qual é o objetivo da carta de compromisso, para quem ela é e quem assinaria.



- A questão da carta ainda está em aberto, no momento em que formos debater sobre isso, podemos trazer sugestões. Antes de chegar lá, temos que pensar dentro do grupo “o que é esse açaí sustentável que estamos pensando?”. Essa carta seria um modelo de apresentação dos nossos princípios e entendimento sobre o assunto, trazendo questões como o trabalho justo e o respeito com as comunidades. Então, esse documento seria um documento balizador que possibilite o diálogo com todos os envolvidos com a temática, cooperativas, terceiro setor, cooperativas e comunidade. Dentro desse grupo, podemos discutir e levar depois para o grande grupo do Diálogos.
- Os debates estão interligados – os tópicos social, econômico e ambiental são indissociáveis. Sugestão – fazer a discussão tendo como base as etapas da cadeia. Importante convidar a Embrapa para a discussão, para comentar sobre os riscos em relação à monocultura e como enfrentar esses problemas. Em relação às batedeiras, trazer algum relacionado a questão sanitária, por exemplo.

Encaminhamentos

- Ficou acordado para que os membros do grupo enviem sugestões para a construção e metodologia do ciclo de debates sobre riscos e oportunidades na cadeia de valor do açaí para o e-mail renata@institutoterroa.org, até 03/02. Em seguida, serão agendados encontros para dialogar sobre o assunto, assim como será marcada a primeira reunião deste ciclo de encontros ainda em fevereiro.